

Gayme na tela: a representação do homem gay no programa “Amor e Sexo”

Gayme on the screen:
the representation of the gay man in the TV show “Amor e Sexo”

Gayme en la pantalla:
la representación del hombre gay en el programa “Amor e Sexo”

Breno da Fonseca Motta Rodrigues – Universidade Federal de Juiz de Fora | Juiz de Fora | MG | Brasil | E-mail: breno.motta@estudante.ufjf.br | <https://orcid.org/0000-0002-2736-0132>

Iluska Maria da Silva Coutinho – Universidade Federal de Juiz de Fora | Juiz de Fora | MG | Brasil | E-mail: iluska.coutinho@ufjf.br | <https://orcid.org/0000-0001-5597-9453>

Resumo: O palco de um programa de televisão pode ser espaço relevante para a representação social de atores discursivos que compõem grupos minoritários. A proposta do artigo é compreender em que medida a presença de gays cisgêneros teria evidenciado mudanças na forma de tratamento das temáticas LGBTQIA+ na atração de entretenimento “Amor & Sexo”, exibida pela TV Globo. A partir de um quadro intitulado “Gayme”, analisa-se os tensionamentos relacionados às questões da representação por meio do jogo, formato comum em programas de variedades. O objeto empírico são três edições veiculadas nos anos de 2011, 2017 e 2018. Por meio da Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), busca-se apontar elementos que indiquem se tais representações na tela contribuem para a afirmação da identidade LGBTQIA+.

Palavras-chave: representação; LGBTQIA+; game show.

Abstract: The stage of a television show can be a relevant space for the social representation of discursive actors that make up minority groups. The purpose of this article is to understand to what extent the presence of cisgender gays would have evidenced changes in the way of dealing with LGBTQIA+ themes in the entertainment show "Amor & Sexo", aired by TV Globo. Based on a scene entitled "Gayme", we analyze the tensions related to issues of representation through games, a common format in variety shows. The empirical object is three editions aired in the years 2011, 2017, and 2018. Through the Analysis of the Audiovisual Materiality, we seek to point out elements that indicate whether such representations on the screen contribute to the affirmation of LGBTQIA+.

Keywords: representation; LGBTQIA+; game show.

Resumen: El escenario de un programa de televisión puede ser un espacio relevante para la representación social de los actores discursivos que componen los grupos minoritarios. El propósito de este artículo es entender hasta qué punto la presencia de gays cisgénero habría evidenciado cambios en el tratamiento de los temas LGBTQIA+ en el programa de entretenimiento "Amor & Sexo", exhibido por TV Globo. A partir de una escena titulada "Gayme", analizamos las tensiones relacionadas con las cuestiones de representación a través del juego, un formato habitual en los programas de variedades. El objeto empírico son tres ediciones emitidas en los años 2011, 2017 y 2018. A través del Análisis de la Materialidad Audiovisual, buscamos señalar elementos que indiquen si dichas representaciones en la pantalla contribuyen a la afirmación de la identidad LGBTQIA+.

Palabras clave: representación; LGBTQIA+; game show.

Recebido em: 28 de fevereiro de 2022.

Aprovado em: 11 de agosto de 2022.

Revisado: 13 de setembro de 2022.

1 Introdução

O palco se encontra iluminado com um foco de luz sobre um ator, posicionado ao centro do tablado. Em volta, uma plateia, que observa atentamente aquele que está desempenhando seu papel. A plateia ri, aplaude. Os espectadores presentes apontam seus dedos indicadores em direção ao ator, que faz acrobacias, piruetas, que conta piadas e sorri. Eles parecem gargalhar com a representação. O ator agradece, recebe uma salva de palmas, a luz se apaga e o homem, que divertia a todos e todas, desaparece.

Não estamos em um teatro, mas, sim, em um programa de entretenimento televisivo. A situação hipotética transcrita acima, considerando-se Goffman (1985), é a de um homem gay que está diante de uma plateia que, em sua maioria, não se reconhece como homem gay, mas que busca, através da aplicação de estereótipos não comprovados, se aproximar daquele indivíduo que faz malabarismos para conquistar a audiência. Intencionalmente, o ator terá de agir de tal modo que expresse a si mesmo, e os outros, por sua vez, terão de ser, de alguma maneira, impressionados por ele. A gama de ações que compõem a expressão deste ator corresponde ao que Goffman (1985) descreve como dissimulações, ou informações falsas, ou fraudes. Tais postulados teóricos oriundos da sociologia, de um de seus autores mais influentes no século XX, podem ser relacionados à proposta deste artigo de analisar a posição social que ocupa o homem cisgênero gay¹ diante de uma câmera de televisão, como ator central de um quadro de jogo que integra um programa televisivo. O objeto empírico deste trabalho são edições do programa "Amor & Sexo", exibido

¹ Define-se como homem cis gay aquele que nasceu como indivíduo do sexo masculino, se identifica como tal e assume atração física ou sexual por sujeitos do mesmo sexo.

pela TV Globo entre os anos de 2009 e 2018, que integra pesquisa em desenvolvimento, e, de forma mais particular, o quadro de jogo “Gayme”, exibido em 2011.

Todo o material coletado provém de um levantamento documental realizado a partir do acervo de episódios da atração e da análise para identificar os diferenciais do “Amor & Sexo” como programa de entretenimento e seu processo de produção, no que concerne às pautas relacionadas ao universo LGBTQIA+. Através da Análise da Materialidade Audiovisual, método proposto por Coutinho (2016), os procedimentos iniciais valorizaram a dimensão textual dos programas veiculados, através da transcrição da componente verbal. Entretanto, observa-se que tal investigação tornaria a pesquisa incompleta, visto que o objeto proposto é um produto audiovisual.

Assim, conforme Coutinho (2018), a partir de ficha organizada de acordo com cada episódio destacado, busca-se apontar fontes de informação, personagens/atores discursivos, grupos sociais representados e apresentação de pontos de vistas diversos, bem como momentos de informação ou quadros gerais de referência de mundo nos quais narradores/enunciadores se ancoram. A realização da investigação foi possibilitada pelos vídeos do programa arquivados na GloboPlay, plataforma de *streaming* das Organizações Globo, cujo acesso se dá mediante assinatura, bem como pelos materiais de divulgação da assessoria de imprensa da emissora, disponíveis no Portal GShow.

O primeiro recorte que integra a amostra é de uma edição em que há participação de três homens gays, veiculada em 01 de fevereiro de 2011. O intuito é elaborar um panorama do tratamento oferecido às temáticas LGBTQIA+ no programa “Amor & Sexo” com a exibição do quadro “Gayme”,

definido, em release distribuído pela assessoria de imprensa da Central Globo de Comunicação em 25 de janeiro do mesmo ano, como “um jogo sobre gays, mas não exclusivamente para gays”. A participação de três atores discursivos presentes neste episódio será comparada àquelas relacionadas aos episódios exibidos em 02 de março de 2017 e 27 de novembro de 2018, quando “Amor & Sexo” leva ao ar duas edições exclusivamente voltadas para a temática “Orgulho LGBT”. Buscamos identificar de forma empírica que tipo de elementos textuais e paratextuais nos oferecem possíveis interpretações sobre a forma como a grande mídia retrata personagens LGBTQIA+, bem como a sua mudança de abordagem em um intervalo de tempo de seis anos e a sua responsabilidade para com os campos sociais que lhe atravessam.

Kellner (2001) nos sugere que a cultura da mídia fornece material com o qual muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. É ela quem ajuda a modelar a visão prevalecente do mundo, os valores mais profundos, definindo o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou amoral. Portanto, as narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem símbolos, mitos e recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos espalhados pelas muitas regiões do planeta. “Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural” (KELLNER, 2001, p. 9-10).

Ao considerarmos tal papel pedagógico da mídia, ao entendê-la como uma instituição social de grande responsabilidade para com a construção de novas realidades, sua forma de abordagem dos atores que a compõem é determinante para o comportamento daqueles que, da plateia, ou de casa, assistem ao ator social apresentado no início deste breve prólogo. Ator em

estado de representação, que se encontra solitário no palco e em constante tentativa de comunicação com aqueles e aquelas que estão em seu entorno.

2 A responsabilidade da mídia na representação do indivíduo

Goffman (1985) propõe que uma ação encenada em um teatro é uma ilusão relativamente tramada, sendo admitida como tal. Ali, em cima do palco, na instância ficcional, ao contrário da vida normal, nada de real ou de verdadeiro pode acontecer aos personagens representados. Porém, o próprio autor oferece outro ponto de vista ao contemporizar que “em outro nível, sem dúvida, alguma coisa verdadeira e real possa acontecer à reputação dos atores, enquanto profissionais cujo trabalho diário consiste em desempenhar peças teatrais” (GOFFMAN, 1985, p. 233). Não estamos em um teatro. “Amor & Sexo” não é um produto de ficção tampouco. Estamos diante das câmeras de um programa de auditório veiculado em televisão aberta brasileira. No entanto, o palco é o mesmo, bem como a presença de atores diante de grupos sociais, diante de uma plateia que aguarda ansiosa pela representação.

A representação é definida por Goffman (1985) como a execução do papel social do indivíduo perante um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência. Tal indivíduo é o ator, ser atuante dentro deste grupo, o qual podemos nomear também como instituição, elemento coletivo que confere situação e identidade ao sujeito.

Definindo papel social como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formado pelas mesmas pessoas (GOFFMAN, 1985, p. 24).

Para fazer parte de um grupo social, um ator precisa dialogar com sua plateia uma série de equipamentos expressivos – vestuário, sexo, idade, raça, aparência, atitude, padrões de linguagem, gestos – que o torne reconhecível aos espectadores presentes. Todos esses elementos que servem ao ator como forma de atingir o seu objetivo de conexão com o seu público são denominados por Goffman (1985), de “fachada”, ou seja, uma espécie de máscara institucionalizada que faz com que o ator assuma um papel social estabelecido, fixo ou que pode ser modificado a qualquer momento.

Um produto de entretenimento, segundo Kellner (2001, p. 11), é oferecido frequentemente pela mídia como “agradabilíssimo” e se utiliza de instrumentos visuais, auditivos e do espetáculo “para seduzir o público e levá-lo a identificar-se com certas opiniões, atitudes, sentimentos e disposições”. Kellner (2001) reflete que a cultura da mídia pode criar formas de reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo em que fornece instrumentos para a construção de identidades, para o fortalecimento, para a resistência e para a luta, ou para o avanço da causa da liberdade e da democracia. Contudo, ao mesmo tempo, “pode constituir um terrível empecilho para a democratização da sociedade” ao reproduzir “discursos reacionários, promovendo o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros” (KELLNER, 2001, p. 13). À luz desta proposição, podemos considerar que, quando age de tal maneira, a mídia enfraquece, por exemplo, as representações de grupos ditos minoritários, como aquele formado pelos membros da sigla LGBTQIA+. Constantemente, tais sujeitos buscam na TV elementos na representação de seus atores que os ajudem a responder uma série de perguntas que irão contribuir para a sua formatação de identidade, como nos indica Woodward (2000, p. 16):

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? [...] os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Tomamos Stuart Hall e Kathryn Woodward como referências na conceitualização da representação social. Somamos a isso as definições de Goffman (1985), sobre o papel social e as observações de Kellner (2001), sobre a responsabilidade midiática. Há de se pensar, desta maneira, sobre como o enfraquecimento das representações de grupos minoritários e das identidades individuais interferem nas respostas às questões propostas por Woodward. Assim sendo, um sistema de televisão e todo o aparato que um programa de entretenimento oferece ao espectador são importantes veículos para o fortalecimento do indivíduo que compõe as minorias e têm papel fundamental, portanto, na construção de novas realidades sociais.

Hjarvard (2014) afirma que estamos vivendo uma midiatização intensiva da cultura e da sociedade que atravessa todas as instituições sociais e culturais. E quando afirmo isto, ele quer dizer que existe uma contemporaneidade que “reflete uma mudança quantitativa e qualitativa profunda nas relações entre mídia, cultura e sociedade” (HJARVARD, 2014, p. 23), ou seja, vivemos um atravessamento da mídia por instituições como família, trabalho, política, religião, que, concomitantemente, são atravessadas pela mídia, em uma relação de retroalimentação. Hjarvard (2014, p. 26) propõe que a midiatização se dá como um processo recíproco entre mídia e todos esses outros domínios ou campos sociais, podendo esta ser “entendida enquanto recursos ou ‘ferramentas sociais’ da representação de informação, ação comunicativa e construção de relacionamentos, tornando-a valiosa para a sociedade como um todo”. Os meios de comunicação, portanto, teriam participação fundamental na reflexividade da

vida social, tanto no que diz respeito a assuntos públicos quanto àqueles privados.

No que concerne à identidade e à representatividade LGBTQIA+, o papel de um programa como o “Amor & Sexo”, que busca construir uma trajetória particular dentro da televisão aberta brasileira ao colocar-se como um canal defensor das lutas políticas e humanitárias de lésbicas, gays, transgêneros e travestis, *queers*, intersexos, agêneros e outros e outras componentes da sigla, é oferecer, como apontaria Hjarvard (2014, p. 37), sobre a função da mídia em geral, “solo fértil para a mudança social e cultural”. Assim, a mídia, como palco possível para múltiplas vivências, estaria utilizando seus atores componentes para veicular as devidas representações e seus papéis de ferramentas sociais para a produção de atenção sobre o real poder da informação, que tem função decisiva no processo comunicacional, mesmo quando estamos tratando de um produto de entretenimento.

3 A identidade é uma construção que se narra

Tomamos a frase de Néstor Canclini emprestada para dar título a esta seção e para refletirmos sobre esta mídia, constantemente atravessada por diversos campos sociais e, no caso do artigo proposto, sobre as temáticas LGBTQIA+ e, mais especificamente, sobre personagens masculinos cisgêneros e homossexuais que participam da construção de três edições veiculadas do programa “Amor & Sexo”. Entendemos que os papéis, apontados por Goffman (1985), são aqueles representados na vida cotidiana. Porém, o que é a mídia, em alguma instância, senão uma representação daquela, senão uma forma de apresentar conflitos entre aparência e realidade, distorções entre o eu humano e o eu socializado? Nesta perspectiva, a partir das reflexões fornecidas por Canclini (1995, p. 148),

abrimos as cortinas para o seguinte questionamento: “Que tipo de cinema e televisão pode narrar a heterogeneidade e a coexistência de vários códigos em um mesmo grupo e até em um mesmo indivíduo?”.

A pergunta “quem sou eu?”, levantada por Woodward, pode ser respondida com a identificação dos indivíduos espectadores que assistem a personagens que estão sendo devidamente representados na televisão. Por isso, observamos a importância e a necessidade cada vez mais latente da diversidade de corpos, gêneros e orientações sexuais em emissoras abertas de televisão. Será naquele espaço que novas construções sociais poderão ser narradas e, conseqüentemente, devido à diversidade de repertórios, ocorrerá a “reelaboração das identidades” (CANCLINI, 1995, p. 148), ou o intercâmbio entre expressividades apontadas por Berger e Luckmann (1985).

A importância da presença de corpos LGBTQIA+ na TV aberta brasileira se dá para que, ao ganharem protagonismo, atores sociais como os homens cisgêneros gays analisados neste artigo fomentem tal intercâmbio. “Toda cultura tem uma configuração sexual distintiva, com seus próprios padrões especializados de conduta sexual”, porém um novo olhar para “a relatividade empírica dessas configurações”, para a “imensa variedade e exuberante inventividade” sexual humana (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 73), será de fundamental importância para (re)construção da realidade social. No entanto, segundo os mesmos autores, as instituições, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta. Como instituição social, a mídia e, neste caso, a TV aberta reforçam determinados estereótipos para encaixar os homens gays em um espaço determinado por equipes de criação de produtos televisivos dominadas essencialmente por homens heterossexuais e suas “definições tradicionais da realidade que inibem a mudança social” (BERGER e

LUCKMANN, 1985, p. 165). Em seguida, analisaremos as três edições veiculadas do programa “Amor & Sexo”, com o objetivo de pormenorizar elementos que, em um primeiro momento, contribuam para a formação dos estereótipos homossexuais tão presentes na televisão brasileira e, em seguida, sua conseqüente (des)construção.

4 O homem gay e os estereótipos de representação

O enquadramento proposto na avaliação realizada neste artigo é a participação de homens cisgêneros gays em três episódios do “Amor & Sexo”, com indicação, portanto, de cenas e elementos narrativos destes entrevistados. Recorre-se à Análise da Materialidade Audiovisual (AMA), conforme Coutinho (2012), como recurso investigativo para reunião e processamento de dados, visto que tal procedimento emerge como método possível para perscrutar o telejornalismo e outros gêneros a partir do enfrentamento do objeto em diálogo com os tensionamentos teóricos e epistemológicos de cada investigação, segundo Coutinho, Falcão & Martins (2019).

Nesta seção, daremos foco à forma como homens gays são retratados em edição do “Amor & Sexo”, datada do dia 01 de fevereiro de 2011, quando estreia a segunda temporada da atração. Assim como na primeira e em todas as outras temporadas exibidas ao longo de seus nove anos de existência, a atração é apresentada pela ex-modelo e atriz Fernanda Lima, que também exercia, até aquele momento, a função de idealizadora do programa. Um novo quadro é levado ao ar: “Gayme”, um jogo, formato comum nos programas de auditório e de variedades, composto por brincadeiras que fazem o telespectador participar em casa ou os incentivam a interagir com o programa, segundo Souza (2004). Quem participa do quadro são pessoas

anônimas, três homens gays convidados pela produção para concorrer a um prêmio. Lima apresenta o quadro da seguinte maneira:

Chegou a hora do jogo que desperta o arco-íris que mora dentro de cada um de nós. Um momento de puro luxo e glamour. É o “Gayme” do “Amor & Sexo”. É um jogo sobre gays, mas não exclusivamente para gays. Ele interessa a pessoas de qualquer orientação sexual porque tem a ver com uma das culturas mais influentes do mundo de hoje. O universo gay cria as gírias mais legais, as músicas mais bacanas, as festas mais animadas e as roupas mais chiques, sem falar em alguns dos melhores profissionais de todas as áreas de atuação. Só tá faltando a gente assumir, né?! Vamos aos competidores que já assumiram faz tempo (AMOR & SEXO, 01 fev. 2011).

Três participantes são apresentados. O primeiro é Charles, de 33 anos, cuja profissão é dentista. Ele conta que foi Miss Brasil Gay e usa o termo “viadice” ao falar sobre assumir sua homossexualidade. O segundo candidato é Alberto, músico, de 36 anos, considerado o menos efeminado dos três. Por conta disso, ele diz que, entre os homens gays, “existe diversidade”. Por fim, o terceiro jogador apresentado é Diogo, coordenador pedagógico em uma escola de educação infantil, 24 anos. Ele usa dois termos que chamam a atenção no processo de análise audiovisual: “opção sexual”, que, nos anos subsequentes, foi substituído por outros como “condição” ou “orientação sexual”; e “homossexualismo”, que se tornou determinação *non grata* nas discussões em torno das causas LGBTQIA+, devido ao sufixo “ismo” denotar sentido de doença, o que fez com que, nos tempos mais recentes, se adotasse “homossexualidade” para tratar da orientação de indivíduos que se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo.

Após as identificações dos três personagens, os quais possuem características bem definidas dentro da “diversidade” destacada por Alberto – Charles é o homem gay transformista² que participa de concursos de beleza; Alberto é aquele que representa o homossexual “discreto”, com completa passabilidade³; e Diogo é quem simboliza o estereótipo do gay efeminado com parcial passabilidade, Fernanda Lima anuncia que a premiação, ao final do jogo, será de duas passagens para um cruzeiro marítimo.

Em imagens gravadas externamente, o primeiro desafio para o grupo é pedir o telefone de uma menina na praia. Os três participantes devem paquerar uma garota até convencê-la a lhes dar seu telefone. Quem propõe o desafio é o apresentador do quadro, o ator Maurício Branco, que usa termos como “bee”, sinônimo para gay, e “força na peruca”, expressão de estímulo em situações que requerem ânimo. Vale salientar que Maurício é sabidamente gay assumido e capricha nos trejeitos efeminados em sua participação à frente do quadro “Gayme”. Nesta primeira etapa do jogo, Charles, Alberto e Diogo se sentem desconfortáveis em fingirem-se heterossexuais e acabam utilizando o fator profissional como forma de convencimento. Os três se intitulam caçadores de talentos em busca de modelos para propagandas.

² O termo transformista refere-se ao indivíduo que se veste com roupas do gênero oposto movido por questões artísticas, como é bastante comum entre o(a)s candidato(a)s ao Miss Brasil Gay.

³ Passabilidade é a capacidade de uma pessoa ser considerada membro de um grupo ou categoria identitária diferente da sua, que pode incluir identidade racial, etnia, casta, classe social, orientação sexual, gênero, religião, idade e/ou status de incapacidade. Ser passável pode resultar em privilégios, recompensas ou um aumento na aceitação social ou ser usada para lidar com o estigma. No caso dos personagens aqui citados, o “ser passável” diz respeito ao encaixe do homem gay no grupo social heterossexual.

No segundo desafio, os jogadores devem participar de uma corrida de salto alto e, durante o trajeto, se “montarem” de *drag queens*. O participante Charles diz: “Todo gay tem vontade de usar ou já usou um salto alto” (AMOR & SEXO, 01 fev. 2011), o que reforça o estereótipo de que todo homem gay precisa necessariamente ter assumido, em algum momento, um elemento de identificação feminina. Durante a corrida, eles precisam ainda colocar uma peruca, se maquiar e pegar uma bolsa, até cruzar uma linha de chegada.

O terceiro momento do quadro é anunciado por Maurício Branco: “Todo mundo sabe que enganar uma mulher é muito fácil, mas é impossível uma boba enganar outra boba” (AMOR & SEXO, 01 fev. 2011). Os candidatos devem se passar por heterossexuais diante de um garçom gay, que terá que adivinhar qual dos três é “bofe”, gíria do universo LGBTQIA+ para homem hetero. Após a frase machista “todo mundo sabe que enganar uma mulher é muito fácil”, entre os diversos estereótipos apresentados durante as cenas, estão frases como “chope é bebida de macho”; drinks são “bebida de viado”; e “homem que é homem não faz a sobancelha”. Ao final, Alberto, o gay não efeminado, vence e celebra: “Essa prova deu pra mostrar que existem gays de todos os tipos: gays mais afeminados, gays mais durinhos, gays que falam papo de homem, que não tem estereótipo” (AMOR & SEXO, 01 fev. 2011).

Os últimos desafios são apresentados no palco do “Amor & Sexo”. Em clima festivo, os participantes são convidados por Fernanda Lima a adentrarem o estúdio. A apresentadora faz o comentário: “olha que animados!”, visto que os três entram dançando e mexendo com a plateia. Fernanda lhes pergunta sobre as dificuldades das provas vivenciadas e Charles responde dizendo que “fingir-se de homem é muito difícil pra mim” (AMOR & SEXO, 01 fev. 2011), como se ele mesmo não fosse um indivíduo

do sexo masculino. A apresentadora, então, revela que a próxima prova é trocar o pneu de um carro, que ela chama de “trabalho de homem”. Charles vence a prova e Lima declara que o vencedor era a pessoa que ela menos esperava que saísse vitoriosa, o que, nas entrelinhas, significa que Charles é o mais efeminado do grupo e não seria capaz de exercer um trabalho, que de acordo com os padrões machistas heterossexuais, seria dito exclusivamente masculino.

Ao final do “Gayme”, há um desafio de desempate: duas mulheres de biquíni são convidadas a participar da brincadeira. Fernanda Lima diz que o homem “hetero acha complicadíssimo abrir o sutiã de uma mulher” (AMOR & SEXO, 01 fev. 2011). Como dificuldade extra, Charles, Alberto e Diogo devem tentar desabotoar a lingerie das meninas com os olhos vendados e somente com uma mão, o que força os participantes a utilizarem a boca como instrumento para finalização da brincadeira. Quem finalmente é vencedor do jogo é o candidato Diogo, que ganha duas passagens para uma viagem de cruzeiro. A mãe de Diogo, que está sentada na plateia, é entrevistada por Lima e diz que o sonho do filho sempre foi aparecer.

4 Novas possibilidades para os atores discursivos

“Sendo produtos históricos da atividade humana, todos os universos socialmente construídos modificam-se, e a transformação é realizada pelas ações concretas dos seres humanos” (BERGER e LUCKMANN, 1985, p. 157). Que transformações na abordagem de assuntos relacionados ao universo de atores sociais cisgêneros homossexuais do sexo masculino são apresentadas em programas exibidos posteriormente?

Em 02 de março de 2017, o “Amor & Sexo” leva ao ar um episódio cuja temática é “Orgulho LGBT”. A edição destaca falas de mulheres trans, *drag*

queens, transexuais masculinos, lésbicas e homens gays. Neste dia, personalidades assumidamente membros e membras da comunidade LGBTQIA+ são convidados e convidadas do programa. Iremos destacar a participação de dois atores discursivos presentes: Dudu Bertholini, estilista e figurinista do programa, que compôs o júri principal da bancada⁴ da atração entre os anos de 2016 e 2018, ano da última temporada veiculada; e o jornalista e ativista André Fischer, fundador do portal MixBrasil, um dos principais canais de informação e cultura LGBTQIA+ no Brasil, criado em 1994.

Os três tipos apresentados no quadro “Gayme” contrastam com as figuras de Dudu Bertholini e André Fischer, no sentido de que os dois últimos assumem, retomando Berger e Luckmann (1985, p. 157), o caráter de “indivíduos concretos”, aqueles que servem como novos definidores da realidade. Fischer é um dos primeiros personagens a assumir a fala na edição de 2017. Fernanda Lima se dirige a ele perguntando qual a importância, à época, da comemoração dos 20 anos de existência da Parada do Orgulho LGBT em São Paulo, um “movimento tão político e ainda assim festivo” (AMOR & SEXO, 02 mar. 2017). Ao que André responde: “Em primeiro lugar, dar visibilidade pra comunidade. A gente vai ganhando espaço quando é reconhecido e mostra pra sociedade que a gente tem direitos, sim” (AMOR & SEXO, 02 mar. 2017). Lima novamente o argui, solicitando que o jornalista trace um panorama da luta LGBT por igualdade de direitos no Brasil e no mundo. Fischer explica:

⁴ A bancada é uma estrutura cenográfica física, presente na maior parte das edições veiculadas do programa, onde ficam localizados jurados e juradas, que são personagens fixos ou convidados responsáveis por comentar as discussões acerca das temáticas apresentadas a cada episódio.

Ela começou no final dos anos 60, quando um grupo de travestis, transexuais, gays e lésbicas, lá em Nova York, se revoltou contra a violência que sofriam da polícia constantemente. E essa luta cresceu pro resto do mundo. As pessoas se empoderaram - uma palavra que a gente usa muito hoje, mas resolveram não ceder mais à violência e à discriminação. A partir daí, começou uma luta por direitos que foi ganhando espaço pelo mundo inteiro (AMOR & SEXO, 02 mar. 2017).

Fischer assume o papel do ator discursivo que transmite um dado informacional de grande relevância a respeito do início das lutas pelo Orgulho LGBTQIA+. Apesar de a informação ter sido veiculada de forma incompleta, visto que o jornalista não cita o nome da Revolta de Stonewall, o que é um ponto negativo deste momento do "Amor & Sexo" de 02 de março de 2017, é possível compreender Fischer como a voz que destaca como é de suma importância a série de manifestações espontâneas ocorridas em Nova York, nos Estados Unidos, nas primeiras horas da manhã de 28 de junho de 1969, no bar Stonewall Inn. Um grupo formado por membros e membras, ou o que podemos chamar de atores e atrizes sociais, da comunidade LGBTQIA+ reagiu à invasão da polícia ao estabelecimento, que era um dos poucos que recebiam pessoas declaradamente homossexuais nos anos 1950 e 1960. As batidas policiais em bares gays eram rotineiras no final da década de 1960. No entanto, em 28 de junho de 1969, uma multidão foi incitada à revolta e a polícia de Nova York não conseguiu conter os protestos, que duraram semanas e originaram, em 28 de junho do ano seguinte, as primeiras marchas do Orgulho LGBTQIA+, ocorridas em Nova York, Los Angeles, São Francisco e Chicago como comemoração ao aniversário da Revolta de Stonewall.

Uma marca do episódio de 02 de março de 2017 do "Amor & Sexo" são esses momentos informativos, como o que Dudu Bertholini elenca algumas nomenclaturas de gênero, assumindo seu papel social diante dos presentes como aquele que fornece informação sobre as identidades contemporâneas:

Bigênero, *crossdesser*, *drag queen*, *drag king*, *fat queen*, cisgênero, agênero, pangênero, gênero fluido, terceiro sexo, *gender bander*, *gender queer*, *female to male*, *male to female*, transgênero não binária, *non op*, homem e mulher (AMOR & SEXO, 02 mar. 2017).

Vale apresentar Bertholini neste ponto do trabalho, já que ele é o primeiro LGBTQIA+ a ter um posto fixo na bancada do “Amor & Sexo”. O estilista entrou para a equipe de criação da atração como consultor de figurinos, no ano de 2016, e assumiu definitivamente a confecção das roupas usadas no programa e sua condição de jurado nos anos de 2017 e 2018. Na edição veiculada em 02 de março de 2017, portanto, ele é um dos que tem a voz mais ouvida dentre os convidados e as convidadas, bem como André Fischer. Além de ambos, ainda vale ressaltar a entrevista com Marlon Parente, diretor de um documentário intitulado “Bichas⁵”, que dá seu depoimento sobre uma agressão sofrida na rua, a qual deu origem ao seu filme lançado no mês de fevereiro de 2016.

O próximo recorte em análise é a edição datada de 27 de novembro de 2018, quando novamente o “Amor & Sexo” leva ao ar um episódio cuja temática é totalmente voltada para a sigla LGBTQIA+. *Drag queens*, lésbicas, trans e travestis, *queers*, intersexos, agêneros e outras e outros invadem o palco ao som da música “Somewhere over the rainbow”⁶, remixada com a canção “Não Recomendado”, do compositor, cantor e performer Caio Prado, que tem, entre outros, os versos “Pervertido, mal amado, menino malvado / muito cuidado! / Má influência, péssima aparência / menino indecente,

⁵ Marlon Parente destaca que os homens, durante a infância, são constantemente agredidos verbalmente com a palavra “bicha”, termo que ganhou nova conotação na segunda metade da década de 2010. Os depoimentos contidos no filme “Bichas” são frutos de experiências vividas pelos participantes retratados.

⁶ “Somewhere over the Rainbow” é uma canção composta por Harold Arlen (1905-1986), com letra de Yip Harburg (1896-1981), escrita especialmente para o filme “O Mágico de Oz”, gravada em 1938 pela atriz Judy Garland (1922-1969) e que se tornou um marco da cultura *pop* estadunidense e ícone LGBTQIA+.

viado!”. Caio é um dos personagens homens cis gays que participam do episódio daquela noite, bem como os também cantores Daniel Chaudon e Diego Moraes, que compõem o trio musical “Não Recomendados”. Os três são assumidamente gays e suas canções são marcadas pelas temáticas que envolvem a luta LGBTQIA+, representatividade e identidade.

Mais uma vez, quem está na bancada principal de jurados e juradas é Dudu Bertholini, interpelado no primeiro momento da atração pela apresentadora Fernanda Lima para contar, em um minuto, momentos importantes da história da luta LGBTQIA+. Ao que ele narra:

No começo da História, a homossexualidade foi aceita em diversas civilizações. No Ocidente, a primeira lei de repressão foi redigida em 1533, sob influência da Inquisição, que rapidamente se espalhou por vários países. Os séculos seguintes foram de perseguição à homossexualidade, que foi considerada crime e doença mental e sua tentativa de cura tratada sob tortura, castração, entre outras barbáries. Na Segunda Guerra Mundial, nos campos de concentração, os homens gays eram identificados por um triângulo rosa invertido, que levavam nos braços, e as mulheres lésbicas, por um triângulo preto. A história só começa a mudar em 1969, em Nova York, no bairro de Greenwich Village, com a Revolta de Stonewall, quando a comunidade gay se rebela contra as batidas policiais abusivas e humilhantes que eles sofriam constantemente. Esse evento é considerado o marco zero da luta LGBTQ contemporânea e é, por isso, que a gente comemora, até hoje, no dia 28 de junho, o Dia Mundial do Orgulho Gay. Só que, só em 1973, é a primeira vez que a homossexualidade deixa de ser considerada uma doença. Setenta países ainda consideram, hoje em dia, a homossexualidade um crime. Algumas delas, sob pena de morte. E o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQs no mundo. Mas a nossa luta tem muitas vitórias. E, hoje, vários países, incluindo o Brasil, já reconhecem o casamento gay e também o uso do nome social de pessoas trans. E a sigla LGBTQIA+ abraça a diversidade em todas as suas formas (AMOR & SEXO, 28 nov. 2018).

Novamente, a Revolta de Stonewall é relatada para o público. Desta vez, através de Bertholini, que reafirma seu papel de ator social responsável pela informatividade das causas LGBTQIA+, oferecendo, de forma resumida, um panorama das lutas e dificuldades vividas por todos aqueles e aquelas que compõem a sigla. Outro indivíduo do sexo masculino que se identifica

como cisgênero gay e que está presente no programa é o cantor e compositor Johnny Hooker, que, em determinado momento, ressalta: “Tenho orgulho da minha cultura e orgulho de quem eu sou” (AMOR & SEXO, 28 nov. 2018). Vale destacar ainda a presença de Eduardo Mitchel, um dos fundadores e membros do Grupo Gay da Bahia (GGB), Organização Não Governamental (ONG), que atua em favor das causas LGBTQIA+ há 41 anos. Mitchel relata que, em 2016, ele e seu companheiro foram espancados e expulsos de casa por vizinhos e que, naquele ano de 2018, ainda lutava na justiça para que o caso fosse julgado como crime por homofobia (AMOR & SEXO, 28 nov. 2018).

Fernanda Lima pergunta: “Por que a sexualidade do vizinho incomoda tanto?”. Nos vale voltar, neste momento do trabalho, ao ator que está representando sozinho em um palco diante de uma plateia. Quando esta plateia não compõe o grupo social do qual este ator discursivo é pertencente, e quando não há o interesse pela compreensão da diferença de orientação sexual, ocorre o que Eduardo Viveiros de Castro (2018, p. 254) chama de “ameaças da comunicação” e, entre elas, estão a ignorância do contexto, a falta de empatia pessoal, a ingenuidade literalista, a má-fé, entre outras limitações, que somente contribuem para a violência sofrida pela comunidade LGBTQIA+ e por atores sociais como Eduardo Mitchel. Remontamos, mais uma vez, a importância da mídia enquanto instituição clarificadora dos preconceitos sofridos por homossexuais.

Dudu Bertholini toma a palavra de novo e diz que aprendeu a rir de si mesmo como uma defesa *antibullying*. Salientamos, neste trecho, uma importante fala de Bertholini: “o certo é quando riem com a gente e não da gente”. Ao que Caio Prado completa dizendo que “infelizmente, a sociedade ainda ri de situações opressoras. Já passou da hora da gente achar que homofobia, transfobia, estupro e racismo são piadas. Não são piadas. São

ofensas” (AMOR & SEXO, 28 nov. 2018). Se é extremamente popular a expressão “rir é o melhor remédio”, devemos lembrar que rir dos estereótipos revelados na TV aberta brasileira não são remédios para os crimes cometidos por conta da homofobia tão presente em nossa sociedade.

6 Considerações finais

Uma vez que a maior parte dos programas de TV aberta é criada, historicamente, por homens heterossexuais, podemos inferir que existe uma necessidade latente de reelaboração dessas mesmas atrações, pensando-as como palcos possíveis para múltiplas existências, para múltiplas representações sociais. O “Amor & Sexo” abre suas portas, desde a sua estreia, para personagens LGBTQIA+, como podemos observar na edição analisada datada de 2011, ano da segunda temporada do programa. Tal abertura possibilita a emergência de novas formas comunicacionais que garantam a representatividade midiática para indivíduos LGBTQIA+. Considerando a importância da televisão na influência sob os hábitos dos brasileiros, produtos como o “Amor & Sexo” podem funcionar como instrumentos para a afirmação de identidades de grupos minoritários e, conseqüentemente, para a construção de novas realidades.

Apontamos, nas duas seções finais do trabalho, a representação de homens gays em episódios de 2011, 2017 e 2018. O elemento humor, tão característico dos produtos televisivos do gênero entretenimento, é evidenciado, de forma mais efetiva, no ano de 2011. Os atores sociais convidados a participarem do quadro “Gayme” são representações estereotipadas de homens cis gays, que visam, através de situações criadas pela equipe de criação do programa em um jogo, provocarem o riso da plateia. Tais circunstâncias refletem ainda o pensamento fundante heterossexual, que é responsável por submeter os participantes do *game* a

uma espécie de teste de masculinidade (tóxica). Ao pedirem o telefone de uma mulher, ao precisarem se fingir de heteros ou terem que abrir o fecho de um sutiã com a boca, os participantes são expostos e suas orientações são subliminarmente questionadas, bem como suas capacidades individuais de realização de tarefas rotineiras. Um homem gay, em sua construção de realidade cotidiana, troca pneus, bebe chope e não necessariamente é alegre, simpático, bem educado e bem sucedido profissionalmente.

Quando a apresentadora Fernanda Lima elabora o discurso inicial do quadro, dizendo que os gays são responsáveis pela criação das melhores músicas, das melhores festas ou das roupas mais chiques, inferimos que tais afirmações reduzem a atuação social dos indivíduos a palcos diminutos. Ou a apenas um foco de luz, debaixo do qual o ator homem gay é posicionado pela grande mídia. O que podemos observar, em análise das edições posteriores, é que existe uma mudança sobre o papel social do gay televisionado. Seis anos se passaram e as discussões em torno da sexualidade haviam evoluído bastante no Brasil ao longo da segunda metade da década de 2010. O "Amor & Sexo" reflete esse desenvolvimento ao colocar em cena atores discursivos gays que oferecem ao público algo mais do que divertimento.

O episódio do dia 28 de novembro de 2018 é finalizado com uma performance de Johnny Hooker, com a música "Quando eu estiver cantando", de Cazuza (1958-1990). Poderíamos escalá-lo para viver o ator apresentado no início deste artigo. Em um dos versos da canção de Cazuza, o personagem ali representado diz "eu sou assim com a minha voz desafinada / peço a Deus que me perdoe no camarim", como se ele saísse de cena, de debaixo do foco e fosse para o camarim, para a região dos bastidores, pedir desculpas por sua existência. Ou ainda, podemos cogitar como interpretação possível para

os versos “Quando eu estiver cantando/Não cante comigo/Quando eu estiver cantando/Fique em silêncio”, a importância de um programa de TV aberta, palco para múltiplas representações, de deixar que as vozes das minorias, ao serem proferidas para uma audiência de milhões de pessoas, não sejam silenciadas por estereótipos, preconceitos e discursos que não mais contribuem para a igualdade, liberdade e fraternidade dos indivíduos LGBTQIA+, em suas múltiplas representações.

Referências

AMOR & SEXO. Roteiro final: Rafael Dragaud. Dir.: Ricardo Waddington. 01 fev. 2011. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/amor-sexo/t/dXKDGfsMkK/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

AMOR & SEXO. Roteiro final: Antonio Amancio. Dir.: Daniela Gleiser. 2 mar. 2017 e 27 nov. 2018. Disponíveis em <https://globoplay.globo.com/amor-sexo/t/dXKDGfsMkK/>. Acesso em: 26 ago. 2021.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. A antropologia perspectivista e o método de equivocação controlada. **Aceno-Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, Cuiabá - MT, v. 5, n. 10, ago. 2018, p. 247-264.

COUTINHO, Iluska. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual – Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. *In*: EMERIM, Cárilda; Coutinho, Iluska; finger, Cristiane. (org.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. v. 7, p. 175-194.

COUTINHO, Iluska; FALCÃO, Luiz Felipe; MARTINS, Simone. **Dos eixos à análise da materialidade**: o audiovisual observado, compreendido e experimentado em toda sua complexidade [apresentação]. XLII Congresso Brasileiro de Ciências da Computação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2-7 set. 2019. Belém, Brasil. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-2135-1.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2021.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

HJARVARD, Stig. Mídiação: conceituando a mudança social e cultural. **Revista Matrizes**, São Paulo, v.8, n. 1, jan./jun. 2014. p. 21-44.

HUMOR, matérias internacionais e muitas novidades dão o tom à 'Amor & Sexo' em segunda temporada. **Globo.com**. Disponível em: <https://imprensa.globo.com/programas/amor-sexo-2a-e-3a-temporada/textos/humor-materias-internacionais-e-muitas-novidades-dao-o-tom-a-amor-sexo-em-sua-segunda-temporada/#fotos>. Acesso: 24 ago. 2021

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

WOOWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-67. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4284077/mod_resource/content/1/cap%C3%ADtulo%20I%20-%20Woodward%20-%20IDENTIDADE-E-DIFERENCA-UMA-INTRODUCAO-TEORICA-E-CONCEITUAL.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.